

***FAKE NEWS* E OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE FRENTE ÀS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA CRECHE**

Júlio César de Arruda ¹
Daniela Finco ²

RESUMO

Este trabalho aborda o trabalho docente na creche frente à onda de notícias falsas envolvendo as questões de gênero e sexualidade das crianças pequenas. Problematisa a questão da "Ideologia de gênero" no campo da educação, a partir de ofensivas conservadoras, envolvendo as crianças pequenas, difundindo pânico moral nas famílias. O trabalho tem como base os resultados de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida por meio da análise de documentos e da realização de entrevistas semiestruturadas com 5 professoras/es de creches da rede municipal de São Paulo. Traz os ataques antigênero sofridos pelas escolas, como uma possibilidade disparadora de um debate sobre tais questões, a partir de uma matéria jornalística "Minha professora ensinou coisa errada". Tem como referencial teórico os Estudos de Gênero realizados no âmbito da Educação Infantil, e estudos atuais que problematizam como o movimento antigênero tem avançado no campo da Educação. Tem como ferramenta de análise teórico-metodológica a categoria de gênero, que ajuda na compreensão de como as desigualdades são produzidas pelas culturas e sociedades. Os resultados trazem as diferentes narrativas e experiências docentes voltadas para a questão de gênero com relação às brincadeiras, ludicidade e à fantasia na creche. Busca conhecer os desafios para o diálogo com as famílias, destacando o papel docente na desconstrução de preconceitos e promoção da diversidade de gênero desde as primeiras relações na pequena infância.

Palavras-chave: Gênero, Brincadeira, *Fake News*, Ideologia de gênero, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda os desafios do trabalho docente frente às questões de gênero e sexualidade na creche em tempos de conservadorismo e a onda de informações falsas (*fake news*) criando pânico moral intensificado pela difusão rápida pela internet e outras mídias. Tem como base os resultados de pesquisa de mestrado em andamento que problematiza as barreiras de gênero impostas no processo de socialização das crianças bem pequenas, buscando identificar como ocorre a relação educativa na creche, bem como quais são os

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp Guarulhos - SP. arruda.cesar@unifesp.br.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Professora Associada no Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp Guarulhos - SP. dfinco@unifesp.br.

modos de atuação, os desafios e entraves diante do corpo brincante, livre de estereótipos de gênero.

A discussão aborda a “ideologia de gênero” e as ameaças no campo da educação a partir de ofensivas conservadoras, envolvendo as crianças, difundindo pânico moral nas famílias. Tem como referencial teórico estudos sobre as relações de gênero na Educação Infantil, incluindo pesquisas recentes que tratam da temática da “ideologia de gênero” e sua influência na Educação das crianças, que ajudam a pensar na construção de um olhar crítico diante do grande desafio profissional de não reproduzir estereótipos de gênero desde a pequena infância (BONFANTI; GOMES, 2018; MACHADO, 2018; BALIEIRO, 2018; ALMEIDA, 2020). Dialoga com estudos que abordam o cenário social, cultural e político sobre os movimentos antigênero, revelando as tensões de gênero no campo da educação, com ofensivas conservadoras, vem ocupando diversos espaços no campo da Educação Básica suscitando pânico moral e confusão em relação à construção identitária de gênero nas crianças, a partir do discurso da “ideologia de gênero” (FREITAS E BALDAN, 2017; MISKOLCI, 2017; LEITE, 2019; JUNQUEIRA, 2019, 2022). Baseia-se em estudos que analisam os desdobramentos da “ideologia de gênero”, a partir da forma de difusão de narrativas que operam como verdades e que atuam através do empreendedorismo moral orientado pela tradição neoconservadora (ROSA et. a., 2019; SILVA et. al 2023)

Junqueira (2019) dialoga com a emergência de desconstruir esses discursos de que há uma conspiração contra a família e a escola se tornou um espaço para a propagação desses discursos de “ideologia de gênero” atrelando aos professores a doutrinação das crianças/jovens, nomeando os professores como inimigo das famílias. Concomitantemente com aquilo que os defensores da família chamam pejorativamente de “ideologia de gênero”, vão se construindo desinformações que promovem intimidações, pânico moral e incitam movimentos antigênero. Famílias são convocadas a participarem de movimentos com palavras de ordem como: abaixo a ideologia de gênero, meus filhos minhas regras, meninos vestem azul e meninas vestem rosa, salvem as famílias.

Pesquisas também apontam para as perseguições sofridas pelos grupos que trazem a discussão dos direitos sexuais em nosso país e a forma como disseminou disseminando numa cruzada moral, que também vem influenciando e se infiltrando no campo da educação das crianças. Miskolci (2017) explica que com o surgimento do termo “ideologia de gênero” como forma de barrar os avanços de estudos sobre os direitos sexuais e reprodutivos, atrelando “ideologia de gênero” como forma de ataque aos direitos humanos e assim empregar na sociedade o pânico moral. A “ideologia de gênero” é um instrumento que aliena

a população e estabelece relações com modelos autoritários e cunho moral e ganha espaço global, discutindo reprodução das mulheres, educação sexual e reconhecimento de identidades, trata-se em criar uma ideologia que sirva como forma para manipular, utilizando assim a forma de expressar o termo “ideologia de gênero” como algo que precisa ser combatido, um mal que ataca as famílias e crianças.

Com essa agenda antigênero surge com o propósito de regular a escola e equipe docentes e que trouxe como slogan uma “direito a uma escola sem ideologia, sem gênero e sem partido” se apoia nas ideias falsas difundidas no cenário educacional e que afirma que as escolas estariam ensinando conteúdos impróprios para as crianças. O Movimento Escola Sem Partido visa uma escola sem liberdade, divergência, reflexão e diversidade e que as crianças não se apropriem das diversas culturas e conseqüentemente com ataques que acontecem de forma a proibir que as discussões sobre gênero aconteçam nas escolas. O movimento se baseia nos projetos que pretendiam alterar as Diretrizes e bases da Educação. Projetos de leis que tentavam inibir os professores no trabalho com as questões de gênero e sexualidade, pedindo que pais e alunos denunciassem as formas que os professores e professoras se comportam dentro da sala de aula. Esses projetos unem forças com posicionamento neoliberal e conservador. Com o Movimento Escola Sem Partido, as perseguições aos estudos de gênero se intensificaram, o termo “ideologia de gênero” ficou ainda mais em evidência nos discursos de políticos ultraconservadores, espalhando notícias falsas e incitando as famílias ao pânico (FREITAS E BALDAN, 2017).

Para Junqueira (2022) a “ideologia de gênero” serve como acelerador de ideias falsas com o intuito de expandir a ideia de que a “ideologia de gênero” atacaria famílias e crianças e com isso seria o fim da família tradicional. Essa invenção “ideologia de gênero” se destaca dentro de um conjunto de ideias que reorganiza discursos para que novas estratégias surjam de forma a cumprir um papel de barrar os estudos sobre gênero, buscando recuperar a formação moral das crianças e que com os avanços de estudos sobre gênero foram tirados das famílias. Esses discursos sobre gênero polariza os lados, na busca de uma sintonia sobre o discurso de direito moral, sendo o termo “ideologia de gênero um catalisador de estratégias de poder e sendo a escola o cenário para a difusão de ideias e mobilização sobre “ideologia de gênero” no intuito de pôr fim a diferença sexual natural entre homem e mulher, heterossexual e homossexuais, trazendo que o indivíduo faria sua escolha e que diante de todo esse processo que escola e docentes estariam arquitetando juntos, para tirar a educação moral e sexual de seus pais.

Maria da Dores Campos Machado (2018) mostra que através de um discurso de persuasão, começaram uma articulação com a sociedade civil, disparando informações que pudessem confundir e espalhar pânico entre as pessoas, um exemplo foi os materiais produzidos por grupos religiosos como: cartilhas, artigos e notícias em mídias sociais, postado em sites cristãos ou distribuídos em diversos municípios do Brasil com o discurso de popularizar o discurso de “ideologia de gênero”. Esses materiais trazem informações como: "Você já ouviu falar em “ideologia de gênero”?" "Conhece a “ideologia de gênero”?" "Entende o perigo que você e seus filhos estão correndo?". As articulações de grupos antigênero trazem questões infundadas com intenção de dividir opiniões e distorcer questões importantes. Fernando de Figueiredo Balieiro (2018) mostra como os grupos usaram a estratégia de que defendiam as crianças e dentro desse discurso moral, tentando desmobilizar o segmento que defende o direito à diversidade. Esses discursos ganharam mídia, foram avançando no campo do discurso moral, sob o discurso que as crianças estariam sob ameaças.

Educação Infantil, gênero e os perigos dos fakes news na vida das crianças

Quando olhamos para os reflexos desse movimento antigênero no cenário na Educação Infantil, percebemos como as crianças ficaram no centro dessa cruzada. Por isso, Ana Letícia Bonfanti e Gomes, Agnaldo Rodrigues (2018) alertam para a necessidade de desconstruir e problematizar a “ideologia de gênero” questionando o falso discurso de "proteger as crianças”, questionando "quem protegemos quando não falamos de gênero na escola". Os pesquisadores problematizam os discursos antigênero, a ideia de imoralidade e as ameaças às crianças e às famílias, alertam que é importante compreender o discurso contra a “ideologia de gênero”, considerando que os estudos de gênero questionam a natureza do sexo e trazem reflexão de que gênero é uma construção social e que não se define ao nascer.

A pesquisa de Vanessa Leite (2019) discute como as discussões sobre diversidade na escola vem sendo um eixo de ataque permanente, além disso, a pesquisadora discute sobre argumentos usados por políticos conservadores de bancadas ultraconservadoras no intuito de criar confusão na população. A pesquisadora alerta como o Brasil vem passando por um conservadorismo extremo nesses últimos anos, confrontando moralidade em relação a gênero e sexualidade, como o governo passado criou diversos planos e projetos como forma de ataque aos movimentos que se opõem aos ataques conservadores e sem fundamentos (LEITE, 2019). Salienta como as discussões sobre diversidade de gênero na escola foram sofrendo ataques permanentes, e ainda como esse ataque de conservadorismo está ligado com

interesses econômicos e políticos, articulado à criminalização dos movimentos sociais, com o fortalecimento do militarismo e forte ocupação do campo político por setores religiosos. O uso do termo “ideologia de gênero” atende desse modo a grupos políticos e religiosos, como forma de controle através do pânico na população, fortalecendo o retorno da religião como forma de ordenação e coação sociais. Desempenha um papel que associa interesses religiosos e políticos, o controle dos valores e administrando o medo, se tornando uma técnica de manipulação do preconceito, tornando evidente a maneira como *as fake News* disseminam mentiras e desinformação (SILVA et. al, 2023).

Quando refletimos sobre a divulgação de falsas ideias, podemos perceber como a "ideologia de gênero" foi utilizada por setores conservadores, que tentaram se apropriarem de temas de Gênero, criticando os Movimentos Feministas, procurando modificar seus sentidos no intuito de confundir, trazendo a imagem de que crianças seriam induzidas e estimuladas a serem homossexuais, que as famílias também seriam atacadas por esses movimentos, e que o estado estaria financiando e apoiando esse "desvirtuamento" das crianças. A pesquisa de Cássia Cristiane Lopes de Almeida (2020) apresenta uma relevante discussão sobre a presença do discurso religioso no processo de educação e controle do corpo das crianças. Considerando a urgência em promover um debate mais intenso sobre a questão dos grupos religiosos e sua influência sobre o campo educacional, reflete sobre o desafio de pensar gênero e sexualidade nos espaços da Educação Infantil, nos alertando para práticas sexistas e heteronormativas presentes no cotidiano educativo das crianças.

Diante desse cenário, é preciso pensar na importância da construção de um olhar crítico e de posicionamento político pedagógico, diante do grande desafio de não reproduzir estereótipos de gênero desde a pequena infância. Tal reflexão expressa a urgência do debate para a construção do compromisso com a educação da pequena infância, com os direitos das crianças de se expressarem livremente e viverem suas infâncias, longe dos preconceitos e estereótipos. Vivemos tempos difíceis, onde a circulação de notícias falsas, controle, denúncias e coerção tem se tornado recorrentes. As informações transmitidas e viralizadas rapidamente não são construídas de maneira responsável. Recentemente pudemos acompanhar como as instituições de Educação Infantil não estão livres de tais ameaças. Quando a instituição rompe com tais preconceitos e consegue construir um projeto educativo com uma intencionalidade para pensar as questões de gênero, dando ênfase para o direito de brincar sem uma perspectiva sexista, acaba sofrendo perseguições, como poderemos ver no caso da Escola Monteiro Lobato.

A escola Municipal de Educação Infantil Monteiro Lobato situada na cidade de São Paulo, destaca pelo seu currículo pedagógico baseado nos direitos humanos, diversidade e equidade. A escola é referência em Educação Infantil da cidade de São Paulo, com suas atividades que buscam destacar a convivência com a diversidade, comprometida com a construção de cidadãos abertos à diversidade, flexíveis, respeitosos e que repudiam qualquer forma de preconceito. A EMEI foi denunciada por fazer apologia à “ideologia de gênero”, por um caso que ocorreu em que a professora intermediou um conflito, defendendo a posição de um menino com unhas pintadas, diante de discriminação e preconceito. Esse não é um caso isolado, a educação vem sofrendo ataques e perseguições constantes de grupos conservadores que buscam espalhar notícias falsas disseminando o termo “ideologia de gênero”.

Desse modo, o desafio está em questionar os reflexos desses movimentos, pensar como este processo inibidor e discriminatório reflete-se na educação da pequena infância, e qual é o papel docente diante de tais ameaças. Com base neste contexto, problematizamos neste trabalho os reflexos desse movimento na educação das crianças, os ataques antigênero sofridos pelas escolas, apresentando os resultados do diálogo com docentes, que compartilharam suas experiências voltadas para a questão de gênero na creche. Podemos através dessas experiências, reconhecer os desafios para o diálogo com as famílias, destacando o papel docente na desconstrução de preconceitos e promoção da diversidade de gênero desde as primeiras relações na pequena infância.

METODOLOGIA

A investigação se deu por meio de uma pesquisa qualitativa, e contou inicialmente com a análise de um documento municipal, buscando identificar como o gênero está presente nas orientações para a função docente nesta etapa da educação. O documento Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil Paulista (SÃO PAULO, 2016) revela um processo de discussão sobre a construção de narrativas de gênero trazidas pelas crianças, destacando a necessidade de reflexão sobre tal questão. Além da análise documental, realizamos 05 entrevistas com professores/as que atuam em creches de São Paulo, que permitiram identificar as experiências docentes em relação às questões propostas. A pesquisa seguiu as normas necessárias, para garantir o comprometimento ético com as/os participantes, a partir do termo de consentimento livre e esclarecido, respeitando os requisitos para realização do estudo.

Tabela 1. Caracterização dos/as docentes participantes da pesquisa

Professor(a) Nome Fictício	Idade sexo	Estado civil/ Raça/etnia	Tempo de atuação na educação	Tempo de atuação na creche
Ana	42 anos, fem	casada/branca	24 anos	15 anos
Adriano	36 anos, mas	solteiro/branco	05 anos	05 anos
Fernanda	43 anos, fem	casada/branca	23 anos	23 anos
Milena	37 anos, fem	casada/branca	16 anos	10 anos
Tatiana	37 anos, fem	casada/branca	15 anos	13 anos

Fonte: Elaborada pelos autores

Os professores/as entrevistados/as possuem idade entre 36 a 43 anos, com tempo de atuação na educação entre 5 e 24 anos e com tempo de atuação na EI entre 5 e 23 anos. As entrevistas semiestruturadas foram baseadas em um roteiro com perguntas inerentes ao tema da pesquisa, assim como a leitura de um trecho de uma matéria de jornal “Minha professora ensinou coisa errada” (Intercept, 16/11/2021), trazendo o episódio vivenciado pela EMEI Monteiro Lobato. A reportagem utilizada na entrevista teve o intuito de provocar reflexões e investigar os significados das experiências docentes e práticas educativas, com isso, foi possível problematizar como o contexto atual se reflete nas práticas docentes, e nas relações com as crianças e famílias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os/as professores/as envolvidos/as na pesquisa puderam narrar suas experiências, envolvendo concepções, ideias, desafios de práticas educativas na creche, assim como compartilharam angústias quando tais práticas e relações envolvem as temáticas de gênero nos tempos de hoje. Os relatos apresentaram também relatos sobre as questões de gênero que permeiam a educação das crianças pequenas com foco no controle da ludicidade, assim como as relações conflitivas com as famílias:

Tinha um menino que gostava de brincar de boneca como se fosse o papai da boneca, ele dava mamadeira, colocava para dormir. O pai dele veio questionar pois não queria que ele brincasse de boneca. Nós até falamos pra ele, “Você não cuida dele? Ele está te representando, está cuidando do neném!” A sociedade que a gente vive ainda é muito machista, tem essa preocupação. (Professora Fernanda).

Teve uma situação onde o pai chegou e pegou o menino com uma boneca. O pai fala que não queria o filho dele com uma boneca! Nós chamamos esse pai para fazer uma conversa, explicando que na creche as crianças brincam do que elas quiserem. Não separamos a boneca para a menina e os outros brinquedos para os meninos. É um brinquedo, se ele escolher aquele brinquedo, vai poder brincar. (Professor Adriano)

Uma vez num projeto de culinária da páscoa fizemos aventais iguais para todas as crianças, um avental branco com um desenho de uma cenoura na frente. Teve um pai que não aceitou, chegar e ver o filho dele com avental e uma toquinha. Tentamos falar pra ele que todo homem pode cozinhar, que tem os mestres de cozinha, mas ele não aceitou, no ponto de chegar e bater no filho. No outro dia a criança não queria mais participar de nada. Ainda tem muito preconceito. (Professora Tatiana)

Na pescaria da festa junina na creche, um menino acompanhado por seu pai, pescou o peixinho. E falei sobre as opções do prêmio que era jogo de panelinhas, bola, peão. O menino olhou pra mim e pediu “Pro, eu quero o jogo de panelinha”! Mas o pai falou, “Não, não dê a panelinha, dê a bola pra ele”. A panelinha não vai entrar na minha casa”. Eu fiquei muito desconcertada porque o pai não deu abertura para diálogo. Eu vi que o menino saiu triste, ele não saiu feliz, mas eu dei a bola! O medo que a gente sente, dessa vivência da família; de como a família vai enxergar, isso influencia bastante. A gente se vê muitas vezes de mãos atadas. (Professora Ana)

Aconteceu nas brincadeiras da semana da criança, a gente pintou o cabelo delas com spray. E o pai reclamou que o menino estava com spray rosa no cabelo. Não era somente o filho dele! Todas as crianças estavam. As famílias interferem bastante no trabalho da gente. Eu ainda tenho barreiras quanto a isso. (Professora Ana)

O receio em lidar com situações que apontem para mudanças de regras impostas pela família, causam desconforto e insegurança no/as professor/as. Com os conflitos no cenário das práticas educativas na creche, envolvendo dimensões lúdicas das crianças e questões de gênero, aumentaram a necessidade de construir diálogos e as relações com as famílias. As falas, principalmente advindas dos pais de meninos, apontam a dificuldade de oferecer brinquedos que abarcam as responsabilidades do espaço doméstico, como equipamentos e utensílios de cozinha ou o cuidado do bebê. Neste processo de educação os meninos são

privados das relações que envolvem o cuidado. Os conflitos de gênero nas experiências lúdicas relatados também aparecem proibições de brincadeiras para os meninos que envolvem enfeites dos corpos, que ainda consistem em tabus.

As mentiras disparadas de forma descontrolada, confundem as famílias e constroem uma relação de desconfiança no trabalho docente. As crianças diante desse processo acabam sendo ainda mais vigiadas e controladas, acentuando as proibições, nas escolhas dos brinquedos, nos controles dos seus corpos. Os discursos sobre as influências negativas na construção identitária das crianças, se refletem ainda nas inseguranças e medo nos professores/as diante do aumento de conflitos. As falas apontam como o trabalho educativo na Educação Infantil é permeada hoje por situações de desconfianças, anseios e dúvidas:

É o nosso trabalho de educadores, precisamos mostrar que não é a nossa opinião. A gente precisa ajudar as crianças, as famílias, precisamos explicar. Mas eu tenho muito receio de falar alguma coisa e a família interpretar errado, ainda mais nos dias atuais. (Professora Milena)

Diante da situação desses conflitos, “e agora o que eu falo? Perdi o meu emprego!” Ou eu atendo a necessidade dessa criança naquele momento, ou eu penso no meu emprego. (Professor Adriano)

A gente sente o medo dessa vivência, de como a família vai enxergar, isso influencia bastante no nosso trabalho. Muitas vezes nos vemos de mãos atadas. (Professora Ana)

Os dados nos ajudaram a refletir sobre as questões de gênero presentes nas brincadeiras e no cotidiano educativo das crianças na creche, considerando também o cenário recente em gênero e sexualidade aparecem como temáticas polêmicas, nos colocando várias questões a serem aprofundadas. As falas apontaram questionamento das normatividades de gênero e tentativas de diminuir o controle e normatização dos corpos e desejos das crianças, respeitando os processos de construção de suas identidades. Também buscam desmistificar conceitos que são silenciados por informações falsas, que são propagadas em relação ao gênero, manifestação da sexualidade na pequena infância:

O menino está brincando de colocar uma blusa no cabelo, brincando ser seu cabelo é longo. "Pronto, é gay! Não vai ter jeito, é gay!" Gente, calma! Espera ele crescer, ele ter uma relação, se apaixonar. E aí se ele for realmente vamos respeitar! As pessoas têm que aprender a respeitar o outro. (Professora Fernanda)

As pessoas confundem muitas coisas. Se vê uma menina que não gosta de saia, que não gosta de maquiagem, “ah, então ela não gosta de menino” Não! A gente tem que tomar muito cuidado, quando se fala de ideologia de gênero. (Professora Fernanda)

Quando saíram as reportagens sobre aqueles livros, falando de Ideologia de gênero, foi uma fake news. Como que uma escola pode ensinar a criança a ser gay!? Olha só o preconceito! Precisamos ter uma mudança de visão, porque não é uma questão de ser homem ou mulher, é questão de respeito. A gente precisa respeitar. (Professora Milena)

Apesar de todo transtorno que a “ideologia de gênero” vem causando, as/o docentes envolvidos na educação das crianças apontam para a construção de uma educação baseada no respeito, revelando que há um caminho de conscientização para a superação das amarras do pensamento. O cenário requer um trabalho de desconstrução da naturalização dos conceitos de criança e de infância e de gênero, que implica questionar a sua relação com os adultos, buscando compreender e problematizar a ordem que constrange as suas vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios docentes atualmente estão ligados ao enfrentamento ao conservadorismo e à disseminação de *fake news*, que se propagam e fortalecem a onda de mentiras, trazendo muitos desafios a serem enfrentados dentro das instituições de Educação Infantil. Finalizamos este texto destacando a importância do debate de gênero no contexto da educação das crianças, considerando que a superação da desigualdade, com certeza, passa por uma educação emancipadora, desde o nascimento, em espaços coletivos na esfera pública como um lugar de confronto e convívio com as diferenças (SILVA et. al., 2020). Afinal, é preciso reconhecer os direitos de bebês/crianças pequenas como sujeitos de direitos, construindo um olhar crítico diante desse cenário, para que as creches não reproduzam os estereótipos e discriminações de gênero, buscando romper modelos hegemônicos que trazem medos e preconceitos na educação das crianças pequenas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cássia Cristiane Lopes de. **Cenas e discursos heteronormativos e de gênero na educação infantil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2020.
- BALDAN, Merilin. FREITAS, Nivaldo Alexandre de. Dossiê Escola Sem Partido e formação humana. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 14, n. 1, 30 jun. 2017.
- BALIEIRO, Fernando. de F.. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sobre ameaça. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.
- BONFANTI, Ana Letícia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. **A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola?** Periódicus, Salvador, v. 1, n. 9, p. 105-121, mai-out/2018.
- FINCO, Daniela. SILVA, Adriana, FARIA, Ana L. G. de Infantil. **“Isso aí é rachismo! Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. pp. 25-42.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A ‘ideologia de gênero’ existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A invenção da “ideologia de gênero” um projeto reacionário de poder**. Brasília: Letras Livres, 2022.
- LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Revista Latinoamericana de Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 32 - ago. 2019, pp.119-142.
- MACHADO, Maria da Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero” **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(2): 47-63, 2018.
- MISKOLCI, Richard, CAMPANA Maximiliano: “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado** - volume 32, número 3. Setembro/Dezembro 2017.
- ROSA, Pablo Ornelas; SOUZA, Aknaton Toczec e CAMARGO, Giovane Matheus. O combate à “ideologia de gênero” na era da pós-verdade: uma cibercartografia das fake news difundidas nas mídias digitais brasileiras. **Sinais**, v. 2 n. 23 (2019) pp.128-154.



SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal. **Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana**. São Paulo: SMEVDOT, 2015.

SILVA, Brenda A. de A.; JOSEPHINE, Kelen e NEJAIM, América C. B. L.. A ideologia de gênero como Estratégia Política no Brasil: a demonização das discussões de gênero e sexualidade à serviço do projeto político-religioso-fundamentalista. **Confluências** - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 25, n. 1, p. 194-220, 1 abr. 2023.

SILVA, Peterson Rigato da.; SILVA, Tassio J.; FINCO, Daniela. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, n. 58, 2020.